



RUIZ, T. M. B. Diretrizes metodológicas na análise dialógica do discurso: o olhar do pesquisador iniciante. Revista Diálogos. **Relendo Bakhtin**, v. 5, n. 1, 2017.
[<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia>]

DIRETRIZES METODOLÓGICAS NA ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO: O OLHAR DO PESQUISADOR INICIANTE

Methodological guidelines in the dialogic analysis of discourse: the beginner researcher's look

Methodological guidelines in the dialogic analysis of discourse: the beginner researcher's look

Tânia M. Barroso RUIZ¹
taniaruiz064@gmail.com

¹ Doutoranda em Linguística Aplicada na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Integrante do NELA e do grupo de Estudos em Linguagem e Dialogismo (GELID) na UFSC.





Resumo: Este artigo discorre sobre as diretrizes metodológicas na Análise Dialógica do Discurso a partir dos escritos do Círculo de Bakhtin e de seus interlocutores contemporâneos da Linguística Aplicada. A questão investigada se refere aos conceitos fundamentais para a formação teórico-metodológica do pesquisador iniciante de questões de linguagem em uso. Para tanto, proponho uma trajetória que se inicia com os estudos do Círculo de Bakhtin referentes à concepção dialógica de linguagem, dialogismo, relações dialógicas, enunciado e ideologia. Na sequência, revisito as obras do Círculo e de seus interlocutores contemporâneos que sugerem diretrizes metodológicas para o estudo da língua enquanto discurso.

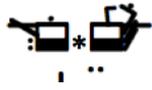
Palavras-chave: Círculo de Bakhtin. Metodologia de pesquisa. Formação docente.

Resumo: Este artigo discorre sobre as diretrizes metodológicas na Análise Dialógica do Discurso a partir dos escritos do Círculo de Bakhtin e de seus interlocutores contemporâneos da Linguística Aplicada. A questão investigada se refere aos conceitos fundamentais para a formação teórico-metodológica do pesquisador iniciante de questões de linguagem em uso. Para tanto, proponho uma trajetória que se inicia com os estudos do Círculo de Bakhtin referentes à concepção dialógica de linguagem, dialogismo, relações dialógicas, enunciado e ideologia. Na sequência, revisito as obras do Círculo e de seus interlocutores contemporâneos que sugerem diretrizes metodológicas para o estudo da língua enquanto discurso.

Palavras-chave: Círculo de Bakhtin. Metodologia de pesquisa. Formação docente.

Abstract: The paper discusses on methodological guidelines in the Dialogic Analysis of Discourse from the writing of the Bakhtin Circle and your partners of Applied Linguistics. The investigated question refers to the fundamental concepts for the theoretical-methodological formation on the novice researcher of language issues in use. For that all propose a trajectory that begins with the studies of the Bakhtin Circle referring to the dialogic conception of the language, dialogism, dialogical relations, enunciation and ideology. In sequence I revisit the works of the Circle and your contemporary interlocutors that suggest methodological guidelines to study the language while discourse.

Keywords: Bakhtin Circle. Research Methodology. Teacher training.





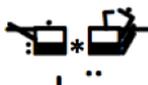
1. INTRODUÇÃO

O grupo de intelectuais denominado Círculo de Bakhtin² elaborou as bases de uma teoria materialista da criação linguístico-ideológica a partir da década de 1920, sendo que, atualmente, o pensamento bakhtiniano tem contribuído para reflexões fecundas nas ciências humanas como um todo. Nos estudos da linguagem, as ideias bakhtinianas têm tido repercussão em muitas pesquisas e, segundo Rodrigues (2005, p. 153), “é como problematizador e interlocutor produtivo que podemos situar o Círculo de Bakhtin na Linguística Aplicada”. Nessa perspectiva, as ideias que considero relevantes dos escritos do Círculo para a formação inicial do pesquisador de questões de linguagem em uso são revisitadas nesta e nas próximas seções.

Para que o pesquisador iniciante adentre nesse universo povoado de diferentes *vozes* e posições construídas axiologicamente na esfera acadêmica, proponho um percurso que se inicia com a concepção de língua enquanto *discurso*, *as relações dialógicas* e o dialogismo que são a base da concepção dialógica de linguagem. Depois, discorro sobre a noção de *enunciado*, como unidade real e concreta da comunicação discursiva, e sua relação com o conceito de *ideologia*. Na sequência, revisito as obras do Círculo que sugerem diretrizes metodológicas para o estudo da língua e de seus interlocutores contemporâneos.

O Círculo de Bakhtin concebe a *língua* como *discurso* (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006 [1929]; BAKHTIN, 2008 [1963]); 1998 [1975], 2003 [1979]). Essa posição epistemológica parte do questionamento de Bakhtin/Volochínov (1929) das formas de se conceber a língua/linguagem que foram agrupadas pelo Círculo em duas tendências denominadas de *subjetivismo idealista* e *objetivismo abstrato*.

² O Círculo é a denominação atribuída pelos pesquisadores contemporâneos aos intelectuais de formação diversa como o filósofo Matvei I. Kavan, o biólogo Ivan I. Kanaev, a pianista Maria V. Yudina, o estudioso de literatura Lev V. Pumpiannki e os três mais conhecidos pelas suas obras: Mikhail M. Bakhtin, Valentin N. Volochínov e Pavel N. Medeviédev, que se reuniram regularmente no período de 1919 a 1974. Neste artigo, elegemos os escritos dos três últimos autores e respeitamos a questão da autoria das obras conforme consta nas edições.

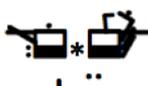




A primeira orientação – o *subjetivismo idealista* – considera que a língua é uma criação individual do psiquismo e a sua função é a de *expressão do pensamento*, destacando a atividade mental no processo de produção linguística. Tem como seu principal representante Wilhelm Humboldt que estabeleceu os fundamentos dessa primeira tendência, a qual enfatiza o psiquismo individual como fonte da língua, e defende que o desenvolvimento linguístico se dá a partir de leis psicológicas. A verdadeira substância de língua para essa orientação se constitui nos atos de fala individuais, e a eles cabe à função criativa na língua. A linguagem é compreendida como representação (espelho) do mundo e do pensamento, sendo que o seus conteúdos ideológicos podem ser deduzidos das condições do psiquismo individual. Assim sendo, o *subjetivismo individualista* parte da língua como produto acabado, de essência monológica, considerando que a sua função é a de *expressar o pensamento*, ou seja, a língua expressa o mundo interior do sujeito (falante ou escrevente).

Em oposição a essa corrente em que a língua se constitui como um ato ininterrupto de atos de fala, o *objetivismo abstrato* considera que o centro organizador da língua é o sistema linguístico, composto pelas formas linguísticas (fonéticas, gramaticais e lexicais). Cada enunciação é única e individual, mas nela estão os elementos linguísticos idênticos às outras enunciações que se repetem. São normativos e, por isso, garantem a unidade da língua e sua compreensão pelos falantes de dada comunidade. Essa concepção de linguagem como *sistema* se pauta no estruturalismo saussuriano, pois, para Saussure, a língua é vista como um sistema abstrato de formas linguísticas (a *langue*) e como um ato de enunciação individual (a *parole*). Para Saussure, “é indispensável partir da língua como um sistema de formas, cuja identidade se refira a uma norma, e esclarecer todos os fatos de linguagem como referência a suas firmas estáveis e autônomas (auto-regulamentadas)” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006 [1929], p.86). Nessa visão, a verdadeira substância da língua é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas e pela enunciação monológica.

Após dialogar epistemicamente com essas concepções de língua/linguagem – o *subjetivismo idealista* (a linguagem como *expressão do*



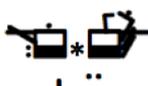


discurso nasce do diálogo com sua réplica viva, forma-se na mútua orientação dialógica do discurso de outrem no interior do objeto. A concepção que o discurso tem de seu objeto é dialógica.” Nessa perspectiva, o discurso se origina da sua relação dialógica com outro discurso, sendo que a *palavra alheia* é o elemento organizador da construção do discurso.

A partir da concepção de língua na sua condição discursiva, o Círculo aborda as *relações dialógicas* como constitutivas do discurso. Essa orientação dialógica do discurso para os discursos de *outrem* é explicada porque cada discurso está impregnado de palavras de outros, os *já-ditos*, porque não há palavras neutras e sem historicidade. Cada enunciação vai integrar, portanto, vários planos de sentidos. Assim sendo, a concepção de discurso é de *matiz dialógica*. Isso se dá porque, para o Círculo, os *enunciados* são concebidos como um conjunto de sentidos que estão impregnados de *relações dialógicas*. O diálogo se estabelece entre os enunciados com os já-ditos, isto é, os enunciados anteriores, e também antecipam as futuras respostas, ou seja, as dos enunciados que o responderão (os enunciados pré-figurados).

É importante destacar aqui que, quando o Círculo usa o termo *diálogo*, não está sendo compreendido de forma restrita e convencional, em outras palavras, a troca de turno que ocorre entre um sujeito que fala e o outro que responde. Essa nova maneira de se conceber a linguagem considera que o *dialogismo*, em um sentido amplo e complexo, é constitutivo da língua, uma vez que os enunciados nascem das interações sociais.

Segundo Bakhtin, “toda a vida da linguagem, seja qual for o campo de seu emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.), está impregnada de relações dialógicas. [...] Essas relações se situam no campo do discurso, o qual é por natureza dialógica (BAKHTIN, 2008 [1963], p. 209)”. Como os enunciados materializam os discursos, eles estão em *relação dialógica* desde que sejam compreendidos como posições semânticas, posto que os limites do discurso são da ordem do sentido. Assim, as diferentes posições axiológicas dos sujeitos expressas nos enunciados podem resultar tanto de *relações dialógicas* de convergência, quanto do





desacordo, do embate, da fusão, do questionamento, da recusa, pois fazem parte do uso da língua como fenômeno social concreto.

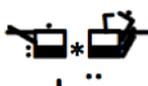
Ademais, as relações dialógicas também podem ser ampliadas a outros aspectos mais amplos da linguagem, como entre estilos de linguagem, dialetos sociais e outros fenômenos conscientizados, desde que estejam expressos em uma matéria sígnica (entre imagens nas artes, nas propagandas, nos filmes, etc.) e sejam percebidas posições axiológicas, uma vez que não existem enunciados neutros.

Em síntese, a concepção dialógica de linguagem do Círculo de Bakhtin abarca a enunciação e suas particularidades, relacionando-a com a sua materialização em discursos proferidos pela ação concreta de sujeitos sociais e históricos em determinada sociedade. Além disso, trata do papel semiótico e ideológico da linguagem na construção da subjetividade (a questão da consciência) e sua relação com a produção cultural da sociedade. Na próxima seção, abordo a noção de *ideologia* e sua relação intrínseca com a *linguagem*.

2. LINGUAGEM E IDOLOGIA

Partindo do conceito do conceito de *ideologia* da teoria marxista da criação ideológica, mas ampliando a visão de ideologia como “falsa consciência”, “pensamento distorcido”; o Círculo de Bakhtin concebe a *ideologia* como uma construção social de todas as esferas de atividade humana³, uma vez que o homem social está envolto por fenômenos ideológicos: “ao lado dos fenômenos naturais, do material tecnológico e dos artigos de consumo, existe um universo particular, *o universo dos signos*” (BAKHTIN/ VOLOCHÍNOV, 2006 [1929], p. 32). Essa identificação do

³ Segundo Faraco (2009, p. 46-47), a palavra *ideologia* é usada no Círculo para designar os produtos do “espírito humano”, e também ocorre no plural para designar a pluralidade de esferas de produção imaterial.





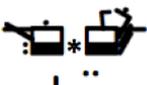
Como o *signo ideológico* é um fragmento material da realidade, a *palavra* é o meio em que se efetiva a comunicação verbal, por isso é considerada o *locus* privilegiado para se estudar a relação entre *ideologia* e *linguagem* para o Círculo. Essa escolha se justifica por ser a palavra um dos modos fundamentais em que se realiza a relação social. Concebida como *signo neutro*, a palavra pode ocupar qualquer posição nos diferentes discursos, por não pressupor qualquer função ideológica específica:

A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social. (...) É precisamente, na palavra, que melhor se revelam as formas básicas, as formas ideológicas gerais da comunicação semiótica. (BAKHTIN/ VOLOCHÍNOV, 2006 [1929], p. 36, grifos dos autores).

Na citação acima, a palavra é concebida como *signo ideológico*, que se constitui na interação social entre os sujeitos, uma vez que a palavra está presente nas ações de produção e compreensão das enunciações ocorridas nas diversas atividades humanas. Por isso, também é concebida como “signo social”, por ser “neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Pode preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa.” (BAKHTIN/ VOLOCHÍNOV, 2006 [1929], p. 37).

A palavra, portanto, está presente nas ações de produção e compreensão das enunciações que ocorrem nas atividades humanas; é também muito importante na *comunicação na vida cotidiana* e como *material semiótico da vida interior, da consciência* (discurso interior). Essa propriedade da palavra de se tornar *signo interior* para a formação da consciência também é abordada na obra *O Freudismo* (BAKHTIN, 2004 [1927]). Bakhtin discorre sobre o conteúdo da consciência como ideologia e diz:

O que é a consciência de um homem isolado senão a ideologia do seu comportamento? Neste sentido podemos perfeitamente compará-la à ideologia na própria acepção do termo, ideologia essa que é expressão da consciência de classe. [...] A ideologia mente para aquele que não é capaz de





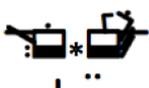
penetrar no jogo de forças materiais que está por trás dela.
(BAKHTIN, 2004 [1927], p. 78).

O *signo interior* (a linguagem interior) pode ser compreendido pelo fluxo contínuo de palavras que formam o pensamento humano, sendo a ponte entre o ambiente físico do indivíduo para o social, pois a consciência só existe na linguagem interior e a linguagem exterior existe apenas em decorrência da linguagem interior. Logo, um dos papéis da palavra é ser o material semiótico da vida interior, da consciência (*discurso interior*).

Segundo Ponzio (2008), o termo *ideologia* para Bakhtin é empregado tanto “no sentido de ideologia da classe dominante, interessada em manter a divisão de classes sociais e em ocultar as reais contradições que tentam transformar as relações sociais de produção [...], mas também é usado no sentido amplo que o termo assume [...], e que permite aplicá-lo tanto à “ideologia burguesa” como à “ideologia proletária” e à “ideologia científica” (PONZIO, 2008, p.115). A *ideologia*, nessa concepção, não é vista como um produto internalizado e subjetivo dos sujeitos, mas é constituída na vida social pelas diferentes maneiras de se compreender e conceber a realidade que é mediada pelos *signos*.

Essa especificidade do *signo social* e *ideológico* é enfatizada por Medviédev (2012 [1928]) quando afirma que o homem social está rodeado de “objetos-sígnicos” das mais diversas categorias que constituem o meio ideológico que o envolve, sendo que, nesse meio, é desenvolvida a consciência humana. Nos dizeres do autor, “o meio ideológico é a consciência social de uma dada coletividade, realizada, materializada e exteriormente expressa. Essa consciência é determinada pela existência econômica e, por sua vez, determina a consciência individual de cada membro da coletividade (MEDVIÉDEV, 2012 [1928]), p. 57). Assim, para o Círculo, a consciência é formada a partir das projeções ideológicas veiculadas pelo grupo social da qual o sujeito está inserido, de sua classe social.

Volochínov (2013 [1930]) defende que a linguagem surgiu a partir da necessidade dos homens de se comunicarem para a vida em sociedade, logo, sua especificidade não é biológica, mas social, por ser concebida como “produto da atividade humana coletiva e reflete em todos os seus elementos





tanto a organização econômica como a sociopolítica da sociedade que a gerou” (VOLOCHÍNOV, 2013 [1930], p. 141). Nesse ensaio, encontramos a única definição explícita de ideologia do Círculo:

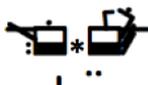
Por ideologia entendemos todo o conjunto dos reflexos e das interpretações da realidade social e natural que ocorrem no cérebro do homem, fixados por meio de palavras, esquemas ou outras formas sígnicas. (BAJTÍN [VOLOCHÍNOV], 1993 [1929], p. 224, grifos no original)⁴.

Em outras palavras, o signo tem uma face material que, na interação entre os sujeitos sócio-históricos, adquire função ideológica, porque agrega valores, pontos de vista de uma dada posição axiológica do grupo no qual o sujeito está inserido. Por isso, o signo não apenas reflete uma dada realidade, mas também *refrata* outra através dos valores sociais nele contidos. Esses valores são diferentes em cada grupo social. Por conta disso, para o Círculo, as *esferas da atividade humana* são compreendidas como integrantes da produção ideológica. Isso ocorre porque os grupos sociais se organizam a partir de suas atividades de produção que são mediadas pela linguagem, os signos, que, como já vimos, são *signos sociais*.

É a partir dessa concepção que Bakhtin/Volochínov afirma que “toda a palavra serve de expressão a *um* em relação a *outro* [...]. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006 [1929], p.113). Esse espaço comum é constituído socialmente pelo meio social do qual os interlocutores participam, uma vez que a enunciação é socialmente dirigida, ou seja, a *interação verbal* é condicionada pela organização social e pelas condições em que ela ocorre. Nessa perspectiva, a natureza da linguagem e sua relação com a ideologia tem como fundamento os seguintes pressupostos:

1. A enunciação como realidade da linguagem e como estrutura sócio-ideológica;
1. A língua como *processo de evolução ininterrupto*, que se realiza através da *interação verbal social dos interlocutores*;

⁴ “Por ideologia entendemos todo el conjunt de los *reflejos* y de las *interpretaciones* de la realidad social y natural *que suceden en el cérebro del hombre*, fijados por el medio de palabras, esquemas, u otras formas sígnicas” (BAJTÍN; VOLOCHÍNOV, 1993 [1929], p. 224, grifos no original).

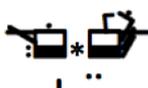


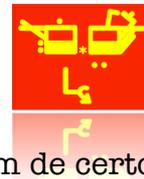


2. As leis da evolução linguística são essencialmente *leis sociológicas*;
3. A criatividade da língua não pode ser compreendida *independentemente dos conteúdos e valores ideológicos que a ela se ligam*;
4. *A estrutura da enunciação é uma estrutura puramente social.* (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006 [1929], p.126-127, grifos dos autores).

Como expresseo acima, a ideologia para o Círculo é dialógica, semiotizada e perpassa todas as situações de interação social, pois “não pode entrar para o domínio da ideologia, tomar forma e aí deitar raízes senão aquilo que adquiriu um valor social” (BAKHTIN/ VOLOCHÍNOV, 2006 [1929], p. 45). A situação social, então, determina as possibilidades de comunicação, tanto nas esferas sociais da vida cotidiana (da qual fazem parte a esfera familiar, íntima, a dos encontros sociais, etc.), ligadas à *ideologia do cotidiano*, quanto às esferas sistematizadas (às quais fazem parte as instituições como a escola, universidade, igreja, etc., e as atividades sociais organizadas como a esfera do trabalho – jornalismo, medicina, entre outros), ligadas as esferas sistematizadas ou formalizadas, que são as dos *sistemas ideológicos constituídos*.

As ideologias centradas sobre a vida cotidiana (a *infraestrutura*) sofrem influência da base econômica e social da sociedade (a *superestrutura*), logo, dos sistemas ideológicos constituídos. Por ser mais fluída e sensível, a ideologia do cotidiano repercute mais rapidamente as mudanças ocorridas na sociedade, do que as ideologias dos sistemas formalizados. Por sua vez, os sistemas ideológicos constituídos, como a ciência, a arte, o direito, o jornalismo, dentre outros, formam as ideologias sistematizadas, pois foram produzidos mediante o desenvolvimento social e econômico da sociedade moderna e se cristalizaram a partir do elemento ideológico instável, isto é, da ideologia do cotidiano (a infraestrutura). No entanto, essa relação entre a ideologia formalizada e a do cotidiano é dinâmica, pois os sistemas ideológicos constituídos exercem “[...] uma forte influência [sobre a ideologia do cotidiano] e dão assim o tom a essa ideologia” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006 [1929], p.118). Por isso, cada esfera da atividade humana tem sua própria maneira de criar produtos e



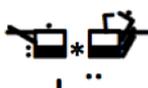


discursos ideológicos que se orientam para a realidade e a refratam de certo ângulo, de uma dada posição axiológica.

Na vida social, a *interação* se dá entre indivíduos organizados socialmente, o que nos leva a considerar a situação imediata (o horizonte comum entre os interlocutores) e o meio social mais amplo, definido pelas especificidades de cada esfera de produção ideológica (ciência, literatura, jornalismo, religião, etc.), e por certos temas recorrentes, devido à relação entre o caráter social da linguagem verbal e a ideologia.

Essa relação entre *linguagem verbal* e *ideologia*, também é abordada por Bakhtin (1998 [1975]) quando discorre sobre a questão da heterogeneidade linguística e da *categoria/concepção de língua única* como um dos processos históricos que, ao visarem à centralização linguística, promoveu o apagamento do caráter plural dos discursos. Segundo Bakhtin, a filosofia da linguagem, a linguística e a estilística não tiveram interesse em estudar os aspectos dialógicos do discurso, e contribuíram para servir “às importantes tendências centralizantes da vida ideológica verbal europeia” (BAKHTIN, 1998 [1975], p. 84). Os mecanismos usados pela ciência linguística europeia, para centralizar as ideologias verbais e controlar a produção e disseminação de sentidos, foram denominados de forças *centrípetas*, que buscam a centralização das línguas pela criação da norma linguística; os mecanismos de desunificação foram chamados de forças *centrífugas*.

Nesse jogo das forças de unificação e descentralização, *a língua concebida como discurso* se materializa na enunciação concreta dos sujeitos para o Círculo de Bakhtin. Em cada enunciado estão presentes as *relações dialógicas*, compreendidas como um lugar de tensão, uma vez que no diálogo se dá o embate entre as diferentes vozes e classes sociais, ou seja, é o lugar onde ocorrem os jogos de poder entre as diferentes vozes que circulam socialmente. Bakhtin considera que as estruturas e superestruturas se relacionam de modo dialético, sendo os signos os elementos que realizam essa mediação. Assim, a linguagem é concebida pelo Círculo como axiologicamente estratificada (*a heteroglossia*), porque os signos ideológicos *refletem* e *refratam* a realidade segundo as posições de classes diferentes.





Para sintetizar como a ideologia é concebida pelo Círculo, retomamos Miotello (2007), que traz os seguintes pressupostos dessa concepção: a integração da ideologia à realidade material do signo, a ligação do signo com as formas concretas de comunicação e a relação da comunicação com as bases materiais de produção, posto que “a ideologia é o sistema sempre atual de representação da sociedade e de mundo construído a partir das referências constituídas nas interações e trocas simbólicas desenvolvidas por determinados grupos sociais organizados” (MIOTELLO, 2007, p. 176). Assim sendo, segundo Medviédev (2012 [1928], p. 185), “é impossível compreender um enunciado concreto sem conhecer sua atmosfera axiológica e sua orientação avaliativa no meio ideológico.”

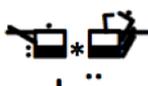
Realizada essa exposição breve da relação entre linguagem, ideologia e esferas da atividade humana, abordo, na próxima seção, as orientações metodológicas para uma Análise Dialógica do Discurso (ADD).

3. DIRETRIZES METODOLÓGICAS NA ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO

A partir dos escritos do Círculo de Bakhtin, discorreremos sobre a postura dialógica do pesquisador frente ao objeto de análise. Nessa perspectiva, primeiramente revisitamos as diretrizes propostas por Bakhtin/Volochínov (2006 [1929]) e seus interlocutores contemporâneos da Linguística Aplicada para a análise dialógica da linguagem.

O Círculo de Bakhtin entende as ciências humanas como ciências do texto⁵, uma vez que a atividade científica enquanto criação ideológica produz texto, o qual “só tem vida contatando com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, iniciando dado texto no diálogo” (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 401). Essa posição do Círculo Bakhtin leva em conta que, para

⁵ O uso do termo *texto* se refere ao texto concebido como *enunciado*. Bakhtin desenvolve essa abordagem em “O problema do texto na linguística, na filologia e nas ciências humanas” (BAKHTIN, 2003 [1979]).





compreender as formas de produção de sentido nos discursos, é preciso enfrentar as especificidades discursivas que se remetem ao *extralinguístico*. Tal fato provém, segundo Faraco (2009, p. 41), da opção de Bakhtin que:

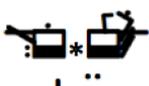
[...] se identificava com uma tradição hermenêutica nos estudos humanos, uma tradição que entende que o fazer científico nas ciências humanas se materializa por gestos interpretativos, por uma continua atribuição de sentidos (uma espécie de **besinnliches Denken**) e não por gestos matemáticos.

Em *Problemas da poética de Dostoiévski*, escrito em sua primeira edição em 1929, Bakhtin trata do discurso polifônico, das formas de presença da alteridade como constitutivas do discurso na análise do romance do escritor russo Fiódor Dostoiévski (1821-1881) e apresenta, no capítulo “O Discurso em Dostoiévski”, uma definição de discurso:

[...] porque temos em vista o *discurso*, ou seja, a língua em sua integridade concreta e viva, e não a língua como objeto específico da linguística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso. Mas são justamente esses aspectos, abstraídos pela linguística, os que têm importância primordial para o nosso fim (BAKHTIN, 2008a [1963], p. 207).

Para Bakhtin, os estudos linguísticos são considerados insuficientes para a abordagem discursiva por se restringirem ao estudo da língua sob a matiz imanente, isto é, da linguística estruturalista de base saussuriana. Por reconhecer essas limitações e demonstrar que a posição epistemológica do Círculo é o estudo da língua enquanto *discurso*, Bakhtin sugere a criação de uma nova disciplina – a *Metalinguística* ou *Translinguística* – que extrapola os limites da linguística da época.

Bakhtin afirma que a Linguística conhece a forma composicional do “discurso dialógico” e as estuda no plano da língua, ou seja, as suas especificidades sintáticas, léxicas e semânticas. No entanto, os aspectos do discurso que ultrapassam esses limites estão no âmbito da nova disciplina que tem como centro a enunciação e seus sentidos. Em outras palavras, a Linguística e a Metalinguística estudam o discurso, mas sob diferentes





aspectos e campos de visão, logo devem se complementar, mas não fundir-se. Por isso, Bakhtin propõe a Metalinguística, a língua como discurso, para o estudo das relações entre o enunciado e a realidade, entre os enunciados e o autor; as relações dialógicas entre os enunciados; o estudo da comunicação discursiva, dos gêneros do discurso.

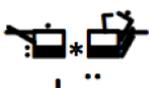
A especificidade desta abordagem reside na busca de caminhos teórico-metodológicos para abarcar as particularidades discursivas que apontam para a relação entre o externo e o interno na linguagem. Disso decorre que, ao estudar o discurso, é preciso que consideremos os seguintes pressupostos sobre a natureza da língua e da linguagem:

[...] a língua constitui um *processo de evolução ininterrupto*, que se realiza através da *interação verbal social dos interlocutores*; as leis da evolução linguística são essencialmente *leis sociológicas*; a criatividade da língua não pode ser compreendida *independentemente dos conteúdos e valores ideológicos que a ela se ligam*; a *estrutura da enunciação é uma estrutura puramente social*. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006 [1929], p.127, grifos dos autores).

Como os sentidos são construídos no processo de interação verbal, a compreensão dos enunciado só pode ocorrer se forem compreendidos o *contexto social imediato* e o *contexto histórico* em que a situação de comunicação ocorre. Na segunda parte da mesma obra, no capítulo seis que trata especificamente da interação verbal, os autores propõem a seguinte “ordem metodológica para o estudo da língua”:

1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza;
2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal.
3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2006 [1929], p. 124).

Nesta citação é proposto um estudo sociológico da língua, que parte da situação social da enunciação (as condições concretas da interação verbal) para os diferentes tipos de enunciados (os gêneros discursivos) e,



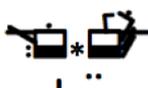


por último, as formas linguísticas em sua interpretação corrente. Com isso, o Círculo delinea, no âmbito dos estudos das ciências da linguagem daquela época, diretrizes para a análise de questões discursivas no âmbito da concepção dialógica de linguagem. Atualmente, segundo Faraco (2009, p. 118): “a teoria do discurso assume hoje como pressuposto de base (e explicitamente inspirado em Bakhtin) a heterogeneidade constitutiva dos discursos e dos enunciados, o que implica abandonar qualquer concepção homogênea de formação discursiva e de enunciado”.

Ao eleger a análise de base dialógica, o pesquisador participa da criação do objeto de forma dialógica e sua análise parte tanto de um ponto de vista interno quanto externo. Por isso, a construção do objeto de análise se constitui na interação entre o enunciado do sujeito pesquisado com o contexto social e histórico e estes são reenunciados pelo sujeito pesquisador na produção de discursos. Conforme explica Amorim (2004) quando trata da relação entre o pesquisador e o objeto de pesquisa na visão bakhtiniana inserida nas Ciências Humanas:

O objeto que está sendo tratado num texto de pesquisa é ao mesmo tempo *objeto já falado*, *objeto a ser falado* e *objeto falante*. Verdadeira polifonia que o pesquisador deve poder transmitir ao mesmo tempo em que dela participa. Mas o conhecimento que se produz nesse texto é também uma questão de *silêncio*. Voz silenciada ou ausência de voz, a alteridade se marcará muitas vezes desse outro modo. Mas tanto pela voz como pelo silêncio, estaremos às voltas com produção de sentido. (AMORIM, 2004, p. 19, grifos da autora).

Brait (2006, 2007) defende que o conjunto de obras do Círculo, embora seus participantes não tenham formalizado uma teoria/análise do discurso, contribuiu para o surgimento de uma Teoria/Análise Dialógica do Discurso (ADD), principalmente no contexto brasileiro. Para a autora, a ADD tem como embasamento constitutivo “a indissolúvel relação existente entre língua, linguagens, história e sujeitos que instaura os estudos da linguagem como lugares de produção de conhecimento de forma comprometida [...]” e parte de “[...] uma concepção de linguagem, de construção e produção de sentidos necessariamente apoiadas nas relações



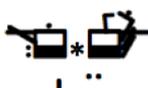


discursivas empreendidas por sujeitos historicamente situados” (BRAIT, 2006, p. 10).

Em relação à metodologia, a ADD não aplica conceitos a partir de categorias previamente definidas para a análise dos discursos, mas procura buscar que os discursos demonstrem sua maneira de produzir sentidos. Por isso, concordamos com a autora quando afirma que “as contribuições bakhtinianas para uma teoria/análise dialógica do discurso [...] constituem de fato um corpo de conceitos, noções e categorias que especificam a *postura dialógica* do *corpus discursivo*, da metodologia e do pesquisador” (BRAIT, 2006, p. 29). Nessa perspectiva, é preciso que o pesquisador adote uma postura investigativa dialógica frente ao objeto e aos dados, o que, de certa forma, rompe com a tradição de sua formação de base estrutural dos estudos da Linguística, que influenciou e tem influenciado, enquanto área de conhecimentos reconhecida, a formação de professores de línguas e, portanto, de futuros pesquisadores.

Em continuidade ao proposto por Brait (2006, 2007), Acosta-Pereira e Rodrigues (2015) apresentam um dispositivo teórico-analítico especificamente para o campo da LA. Esses autores sugerem algumas questões que o pesquisador precisa atentar, a saber:

- (i) a concepção de discurso como língua viva, a língua em uso em contextos de interação específicos;
- (ii) o estudo do enunciado como a forma material do discurso;
- (iii) o estudo do discurso a partir das relações dialógicas com outros discursos;
- (iv) o estudo das relações dialógicas enquanto relações semântico-axiológicas, isto é, relações de sentido que se engendram na constituição e no funcionamento do discurso, saturadas de projeções valorativas e ideológicas;
- (v) o estudo das projeções valorativas e ideológicas como índices sociais plurivalentes que consubstanciam o discurso e o situam em determinados horizontes sócio-histórico-culturais;
- (vi) o estudo das formas da língua (uso de recursos lexicais, gramaticais, textuais) como resultado da relação expressiva do sujeito com o seu discurso em situações singulares e concretas de interação verbal. (ACOSTA-PEREIRA; RODRIGUES, 2015, p. 80-81).



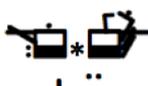


Os autores retomam os encaminhamentos propostos pela Análise Dialógica do Discurso (BRAIT, 2006, 2007), mas acrescentam outros desdobramentos conceituais e, portanto, metodológicos, no campo da LA, tais como: as relações de sentido são saturadas de projeções valorativas e ideológicas; as projeções valorativas e ideológicas como índices sociais plurivalentes; as formas da língua como resultado da relação expressiva do sujeito com o seu discurso em situações singulares e concretas de interação verbal. Em consonância com os autores citados, considero que os encaminhamentos propostos em Acosta-Pereira e Rodrigues (2015) podem auxiliar o pesquisador iniciante na definição de seu objeto de análise e no estabelecimento de uma postura dialógica frente aos dados.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, procurei traçar uma trajetória para o pesquisador iniciante das principais discussões do Círculo de Bakhtin e de seus interlocutores contemporâneos em torno da concepção dialógica de linguagem e de alguns conceitos-base a ela relacionados como *dialogismo*, *relações dialógicas*, *enunciado* e *ideologia*. Além disso, retomei o debate sobre a presença de orientações metodológicas nos escritos do Círculo de Bakhtin a partir de suas obras e da discussão de seus pesquisadores contemporâneos da Linguística e Linguística Aplicada.

Ao final, considero que esse percurso é apenas um dos possíveis para que o pesquisador iniciante adentre no universo do Círculo de Bakhtin e dos *já-ditos* pelos diferentes pesquisadores da esfera acadêmica nacional e internacional, a fim de que, a partir dessas reflexões e de consulta à bibliografia, possa se posicionar axiologicamente frente a esses discursos e contribuir para outros olhares no que se refere à produção acadêmica dessa área de pesquisa.





REFERÊNCIAS

ACOSTA-PEREIRA, R.; RODRIGUES, R. H. Por uma análise dialógica de discurso: reflexões. In: VIAN JÚNIOR, O.; ALVES, M. P. C. **Práticas discursivas**: olhares da Linguística Aplicada. Natal: EDUFRN, 2015.

AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro**: Bakhtin nas ciências humanas. São Paulo: Musa Editora, 2004.

BAJTÍN, Mijaíl M.; VOLOCHÍNOV, Valentín N. [1930]. ¿Qué es el lenguaje?. In: SILVESTRI, Adriana; BLANCK, Guillermo. (Org.). **Bajtín y Vigotski**: la organización semiótica de la conciencia. Barcelona: Anthropos, 1993. p. 217-243.

BAKHTIN, M. M. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. Tradução do russo por Aurora Fornoni Bernardini et al. 4. ed. São Paulo: UNESP: Hucitec, 1998 [1975].

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979].

BAKHTIN, M. M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Tradução do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008 [1963].

BAKHTIN, M. M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João, 2010 [1920/1924].

BAKHTIN, M. M. **O Freudismo**: um esboço crítico. Trad. do russo por Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2004 [1927].

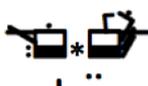
BAKHTIN, M. M. **Cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. Tradução Yara Frateshi Vieira., 8 ed. São Paulo/Brasília: Hucitec, 2013.

BAKHTIN, M. M. VOLOCHÍNOV, V.N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 12. ed. Tradução do francês por Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006 [1929].

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006. p. 9-32.

BRAIT, B. Construção coletiva da perspectiva dialógica: história e alcance teórico-metodológico. In: FÍGARO, R. (Org.). **Comunicação e análise do discurso**: as materialidades do sentido. 3 ed. São Carlos, SP. Claraluz, 2007. p. 79-98.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo** – as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.





MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução do russo por Ekaterina Américo e Sheila Grillo. São Paulo: Contexto, 2012 [1928].

MIOTELLO, V. Ideologia. In: BRAIT, B. **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2007.

RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.) **Gêneros**: teorias, métodos e debates. São Paulo: Parábola, 2005. p. 152-183.

VOLOCHÍNOV, V. N. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

Recebido em 31 de maio de 2017

Aprovado em 03 de junho de 2017

